

O revisionismo histórico da Brasil Paralelo

: alguns apontamentos e possibilidades de enfrentamento

Daniela da Silva Martins

Mestranda e Bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

Atentando para o impacto da era digital na sociedade brasileira, em que diversas plataformas digitais e o uso de redes sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, julgamos necessária uma reflexão para pensar problemáticas e desafios advindos deste processo. Entre estes, destacamos o problema dos discursos revisionistas sobre temas de História que são apresentados em produções audiovisuais amplamente difundidas por meio de plataformas como *Youtube*. Para discorrer sobre o assunto vamos abordar o caso da empresa Brasil Paralelo, procurando refletir através de uma discussão centrada no primeiro episódio da série “Brasil: a última Cruzada”. A partir das contribuições de Louie Dean Valencia-Garcia (2020) identificamos alguns elementos presentes no episódio “A Cruz e a Espada” que nos permitiram entender como foi construído o discurso revisionista da série. Ademais, como demonstraremos ao longo deste artigo, consideramos que o meio digital também trás possibilidades riquíssimas para pensarmos a democratização do conhecimento e, inclusive, a aplicação de projetos de História Pública. Também identificamos na História Pública possibilidades de atuação para o historiador que permitem o embate e a desconstrução dos discursos revisionistas.

Palavras-chave Revisionismo – Histórias alternativas – Era digital – História Pública.

Submissão

20/12/2023

Aprovação

13/06/2024

Publicação

19/08/2024

The historical revisionism of Brasil Paralelo: Some Notes and Possibilities for a Confrontation

Abstract

In view of the impact of the digital age on Brazilian society, where various digital platforms and the use of social networks are increasingly present in people's daily lives, we believe it is necessary to reflect on the problems and challenges arising from this process. Among these, we highlight the problem of revisionist discourses on historical themes that are presented in audiovisual productions that are widely disseminated through platforms such as YouTube. To discuss this issue, we will look at the case of the company Brasil Paralelo, reflecting on the matter through a discussion centered on the first episode of the series "Brasil: a última Cruzada". Based on the contributions of Louie Dean Valencia-Garcia (2020), we identified some elements present in the episode "A cruz e a Espada" that allowed us to understand how the revisionist discourse of the series was constructed. In addition, as we will demonstrate throughout this article, we believe that the digital medium also brings very rich possibilities for thinking about the democratization of knowledge and even the application of Public History projects. We also identify in Public History possibilities for historians to act that allow them to confront and deconstruct revisionist discourses.

Keywords Revisionism – Alternative histories – Digital age – Public History.

El revisionismo histórico de Brasil Paralelo: algunas notas y posibilidades de confrontación

Resumen

En vista del impacto de la era digital en la sociedad brasileña, donde las diversas plataformas digitales y el uso de las redes sociales están cada vez más presentes en el día a día de las personas, creemos que es necesario reflexionar sobre los problemas y desafíos derivados de este proceso. Entre ellos, destacamos el problema de los discursos revisionistas sobre temas históricos que se presentan en producciones audiovisuales ampliamente difundidas a través de plataformas como YouTube. Para discutir esta cuestión, nos fijaremos en el caso de la empresa Brasil Paralelo, buscando reflexionar a través de un debate centrado en el primer episodio de la serie "Brasil: a última Cruzada". A partir de las contribuciones de Louie Dean Valencia-Garcia (2020), identificamos algunos elementos presentes en el episodio "A cruz e a Espada" que nos permitieron comprender cómo se construyó el discurso revisionista de la serie. Además, como demostraremos a lo largo de este artículo, creemos que el medio digital también trae posibilidades muy ricas para pensar en la democratización del conocimiento e incluso en la aplicación de proyectos de Historia Pública. También identificamos en la Historia Pública posibilidades de actuación de los historiadores que les permitan confrontar y deconstruir los discursos revisionistas.

Palabras clave Revisionismo – Historias alternativas – Era digital – Historia Pública.

O contexto brasileiro e a era digital

O uso de internet tornou-se cada vez mais comum e frequente em nosso país nos últimos anos. A porcentagem de pessoas com dez anos ou mais que utilizam internet no Brasil passou de 84,7%, em 2021, para 87,2% em 2022. Considerando o valor total de 185,5 milhões de pessoas nessa faixa etária, a porcentagem de 2022 indica que 161,6 milhões dessas pessoas utilizam internet.

A difusão da internet mudou não só a velocidade com que se propagam as informações e a maneira como ocorre a divulgação do conhecimento, ela também foi crucial para pensarmos uma “mudança na relação entre historiografia, historiador e seus públicos”.¹ A própria História Pública – enquanto uma área indicativa dessas mudanças – ganhou impulso no Brasil a partir das últimas décadas e alterou significativamente a relação estática antes atribuída ao público enquanto mero consumidor. O público agora também tem um papel ativo e gerador nas ações e espaços de desenvolvimento da história pública.²

As possibilidades provocadas pela difusão da internet contribuíram para uma expansão significativa do público consumidor de temáticas históricas. Os diversos conteúdos disseminados alcançam uma quantidade expressiva de pessoas que consegue acessar, compartilhar e discutir através de alguns cliques. Ao mesmo tempo em que as informações são rapidamente propagadas e consumidas, o público também pode expressar suas conclusões imediatas sobre o tema em questão. A interação com o público é importante e necessária, entretanto, é preciso destacar que a velocidade desse processo pode gerar reflexões equivocadas e sem o devido aprofundamento crítico. Além disso, não são todos os produtores de conteúdo que demonstram compromisso ético e científico com as temáticas abordadas nas suas produções.

Além disso, é preciso considerar a ascensão dos grupos conservadores e de extrema-direita, que não só atuam no cenário político como também propagam suas ideias através das mídias digitais. Nessa linha, surgiu a empresa Brasil Paralelo alinhada às demandas e discursos conservadores das novas direitas no país.³

1 MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017. p. 137.

2 MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017. p. 141.

3 MORAES, E. de O.; CLETO, M. P. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023. p. 2.

A Brasil Paralelo foi fundada em 2016 pelos empreendedores Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, na cidade de Porto Alegre. Desde então, a produtora vem promovendo conteúdos audiovisuais sobre política e história, para os quais supostamente propõe uma versão alternativa dos “fatos”. Decorrente de um contexto de forte presença da cultura digital e de crise democrática pós Jornadas de Junho de 2013,⁴ a Brasil Paralelo alega apresentar um conteúdo livre de parcialidade, em oposição a uma suposta hegemonia cultural da esquerda na sociedade.

Para os pensadores “paralelos”, essa hegemonia cultural teria se desenvolvido após o fim do regime ditatorial, quando a esquerda derrotada teria deslocado o marxismo do campo da luta política revolucionária e o transferido para as universidades, para as artes e para a imprensa.⁵

Atualmente, o canal da Brasil Paralelo no *Youtube* possui 3,82 milhões de inscritos, 4.037 vídeos postados e 402.185.425 visualizações.⁶ Há uma grande quantidade de conteúdo disponibilizado gratuitamente. Além disso, a empresa possui uma plataforma de *streaming* própria que oferece planos com valores baixos, o que provavelmente influencia na adesão envolvida.

Também devemos considerar os exorbitantes investimentos com anúncios e publicidade realizados pela empresa. Conforme a Revista Fórum, a Brasil Paralelo lidera o ranking de gastos em anúncios na Meta (conglomerado que possui empresas como *Instagram* e *Facebook*) nos últimos quatro anos. No período de agosto de 2020 até março de 2024 os gastos com anúncios somaram o valor de R\$ 22.231.465,00. Esses valores se tornam ainda mais expressivos quando temos em vista que o segundo lugar do ranking é ocupado pelo governo federal, que gastou R\$ 10.269.371,00 no mesmo período. Ou seja, quase metade do valor que a Brasil Paralelo.⁷ Esses dados são destacados a fim de elucidar o alcance desse tipo de produção. O problema é que muitas pessoas têm acesso a esse conteúdo, todavia nem sempre possuem as ferramentas necessárias para ponderar criticamente ante essas narrativas.

Com este panorama em vista, constatamos que a mudança na dinâmica interativa entre conhecimento e público suscitou questões pertinentes que devem ser pensadas a

4 OLIVEIRA, R. P. A mobilização das tópicos do pensamento social brasileiro na historiografia comercial consumida no Brasil em tempos de crise democrática (2013-2020). *Tempo e argumento*, Florianópolis. 13 n. 33, p. e0204, maio/ago.2021, p. 4.

5 MORAES, E. de O.; CLETO, M. P. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023, p. 3.

6 BRASIL PARALELO. Sobre Brasil Paralelo no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@brasilparalelo>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

7 DELORENZO, D. “Brasil Paralelo gastou R\$ 22 milhões em redes na Meta em 4 anos, o dobro da Secom”. *Revista Fórum*, 19 mar. 2024. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/midia/2024/3/19/brasil-paralelo-gastou-r-22-milhes-em-redes-na-meta-em-anos-dobro-da-secom-155935.html>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

luz desse novo cenário. Em meio aos problemas advindos dessas transformações, consideramos fundamental a questão da autoridade do historiador e a ocupação dos espaços de divulgação de temas do passado por não historiadores. Muito conteúdo tem sido produzido e apenas uma pequena parcela do público se preocupa em validar a competência dos seus produtores. Essa imprudência contribuiu para uma crescente propagação de informações falsas e distorcidas, aspectos comuns num contexto de pós-verdade, que no Brasil teve como uma das principais consequências o resultado das eleições presidenciais em 2018.

Entendemos por pós-verdade o contexto no qual a verdade tem sido relativizada arditosamente, onde a razão e os fatos passaram a ter menor importância que os apelos emocionais. Nas palavras de Zoglauer:

As notícias falsas apelam para as emoções e os instintos. As teorias da conspiração dividem o mundo em bom e mau e revelam os supostos culpados pelos males deste mundo. Os boatos são prontamente recontados e se espalham rapidamente pelo mundo por meio da mídia social.⁸

Embora sempre tenham existido práticas de desinformação e propagação de notícias falsas, foi somente no século XXI com a disseminação da internet que esse problema tomou dimensões catastróficas. Como reflexo, podemos citar o aumento expressivo de negacionismos sobre a eficiência das vacinas e problemas ambientais, tais como o aquecimento global.

Como já informado, para abordar o problema das narrativas revisionistas vamos utilizar o caso da empresa Brasil Paralelo, buscando refletir sobre suas intenções na promoção de uma história “alternativa” para pensar as origens do Brasil. No que concerne à bibliografia existente, enfatizamos que um número expressivo de pesquisadores⁹ já analisou as narrativas da Brasil Paralelo, contudo, nosso trabalho se

8 “Fake news appeals to emotions and instincts. Conspiracy theories divide the world into good and evil and reveal the alleged culprits for the evils of this world. Rumors are readily retold and spread rapidly throughout the world via social media.” ZOGLAUER, T. *Constructed Truths: Truth and Knowledge in a Post-truth World*. Wiesbaden, Alemanha: Springer Nature, 2023. p. 3, tradução nossa.

9 ARAÚJO, J. S. L. Os ditos cruzados do século XXI: o Brasil e a idealização conservadora acerca da primeira cruzada. BUENO, A; BIRRO, R; BOY, R. (org.). *Ensino de História Medieval e História Pública*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, v. 1, p. 111-117.; AVILA, A. L. de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico. *Revista Brasileira de História*, v.41, n. 87, p. 161-184, 2021.; BRITO, K. O.; RODRIGUES JUNIOR, O. A cruzada alternativa da Brasil Paralelo: a história como instrumento da guerra cultural. *SAECULUM*, v. 26, p. 231-246, 2021.; GRUNER, C; CLETO, M. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. OLIVEIRA R. C. de; CHRISTINO D.; MACHADO JUNIOR E. V. (org.). *Covid-19 e a comunicação*. 1ª ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, v. 1, p. 357-382.; LIMA, André Nicacio. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. *Temáticas*, 27, (54): p. 15-38. ago/dez. 2019; MORAES, E. de O.; CLETO, M. P. A última cruzada: tempo e historicidade na série da produtora

diferencia ao propor uma abordagem reflexiva centrada em um único episódio da série “Brasil – a última Cruzada”, no intuito de detalhar questões pertinentes que fogem a reflexão da série como um todo.

Assim, optamos pelo episódio “A cruz e a espada”, pois identificamos nele uma base sólida de elementos que permitiram entender como se deu a construção das narrativas revisionistas da produtora em questão, possibilitando também a identificação de um forte apelo emocional que procura despertar um sentimento de pertencimento nos telespectadores. Essa última característica está diretamente vinculada ao contexto de pós-verdade, onde “os fatos objetivos possuem menos importância que os apelos à emoção, às memórias herdadas e às experiências pessoais”.¹⁰

Conforme demonstraremos ao longo desse trabalho, o discurso veiculado pela empresa não demonstra cuidado metodológico e carece de uma reflexão aprofundada para entendimento dos processos históricos abordados. Antes de adentrar na discussão do episódio vamos expor uma breve definição de revisionismo histórico.

Revisionismo histórico

Num primeiro momento, cabe ressaltar a diferença entre a revisão historiográfica, como prática legítima, e o revisionismo histórico para fins exclusivamente ideológicos. Conforme Marcos Napolitano, a revisão historiográfica pode ser definida como “um processo de revisão factual e das interpretações historiográficas dominantes, com base em novas questões teóricas, novas hipóteses, novos métodos de análise e novas fontes primárias”.¹¹ Diante disto, destacamos que esse procedimento é fundamental para o avanço do conhecimento e, como todo e qualquer trabalho comprometido, ele precisa passar pelo crivo de seus pares. Em contrapartida, Napolitano define o revisionismo de matriz ideológica como aquele que:

[...] parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica. Trata-se daquele revisionismo calcado na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos

Brasil Paralelo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023. NICOLAZZI, F. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. *Passés futurs*, v. 13, p. 1-37, 2023.

10 BAUER, C. S. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? MAUAD A. M.; Ricardo SANTHIAGO R.; BORGES V. T. (org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra & Voz, 2018, p. 195-205, p. 198-199.

11 NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (org.). *Novos Combates pela História: Desafios - Ensino*. Editora Contexto, 2021. p. 98.

historiográficos, no anacronismo, no uso acrítico de fontes primárias (tomadas como “prova factual” a partir da leitura superficial, sem crítica ou contextualização), sempre com o intuito de defender uma tese dada *a priori* sobre o passado incômodo e sensível.¹²

Perante o exposto, destacamos que os discursos revisionistas não objetivam a ampliação do conhecimento sobre o passado. Acima de tudo, eles pretendem legitimar concepções previamente estabelecidas que estejam alinhadas às suas agendas políticas, de forma a assegurar legitimidade para pautas conservadoras em detrimento do combate às desigualdades sociais.

Também devemos considerar que esses discursos carecem de rigor científico na medida em que fazem uso de pseudotécnicas, ou seja, técnicas que simulam o trabalho historiográfico. Essa prática ocorre, sobretudo, através da seleção intencional de fontes e de fragmentos de outras pesquisas, sendo ambas incorporadas de maneira descontextualizada com o intuito de garantir respaldo para o argumento defendido e dado de antemão.¹³

Dessa forma, a prática revisionista ideológica se distancia essencialmente da revisão historiográfica legítima na medida em que seleciona apenas aquilo que lhe é conveniente. Complementando, devemos ter em vista que o revisionismo ideológico “precisa ser compreendido em uma inter-relação entre seus autores, seus locais de produção e suas conjunturas de enunciação”.¹⁴

Além desses aspectos, ressaltamos que a prática de revisionismo histórico, como forma de validar negacionismos, não é uma novidade do nosso contexto.¹⁵ Em 1988, Pierre Vidal-Naquet publicou o livro “Assassinos da Memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre revisionismo”, onde abordou as narrativas que negavam o Holocausto logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Esse tipo de revisionismo foi caracterizado principalmente pela negação e falsificação dos fatos históricos.¹⁶ Todavia, salientamos que o revisionismo no contexto de pós-verdade possui particularidades que vão além da pura e simples negação:

12 NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (org.). *Novos Combates pela História: Desafios - Ensino*. Editora Contexto, 2021. p. 99-100.

13 NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (org.). *Novos Combates pela História: Desafios - Ensino*. Editora Contexto, 2021. p. 100.

14 BAUER, C. S. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T. (org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra & Voz, 2018, p. 195-205. p. 197.

15 AVILA, A. L. de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico. *Revista Brasileira de História*, v.41, n. 87, p. 161-184, 2021.

16 VIDAL-NAQUET, P. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988.

Entretanto, e essa é uma diferença importante, os negacionismos contemporâneos agem principalmente através de silêncios, mistificações, ocultamentos e minimizações que se dão no âmbito narrativo, para além do empírico, que visam subtrair determinados passados de nossos presentes, tornando-os insubstanciais, e impor significados unívocos à nossa história - não raro aqueles acalentados pelos setores dominantes.¹⁷

Esse aspecto é importante porque o discurso produzido pela Brasil Paralelo se insere nesse tipo de narrativa, que age através das pequenas distorções e ocultamentos; objetivando a construção de um passado conveniente que visa, sobretudo, atender demandas dos grupos econômicos dominantes.

Nossa discussão também utilizou reflexões de Louie Dean Valencia-Garcia no que diz respeito a uma série de recorrências nas narrativas revisionistas do passado. Nesse sentido, destacamos os sete elementos evidenciados pelo pesquisador no que tange a construção de “*alt history*”:

(1) negação histórica, que pode incluir a rejeição de arquivos e evidências históricas; (2) crença na história cíclica, ou teleológica, que pressupõe para onde estamos indo ou de onde viemos; (3) narrativas de declinação, que entendem a mudança como algo ruim e de caráter degenerativo; (4) mitificação, que é criada quando os fatos são substituídos por quimeras; (5) nostalgia, por um passado idealizado que muitas vezes sugere tanto uma declinação quanto uma seleção de fatos e narrativas históricas; (6) a-historicismo, baseado puramente na inverdade; e (7) através de formas frequentemente fragmentadas e tendenciosas, a história é lembrada e retratada de acordo com a memória pública popular (filmes, livros didáticos, séries de TV, etc.).¹⁸

Embora o estudo de Valencia-Garcia fosse voltado para o caso da “*Alt-right*” estadunidense, concluímos que sua reflexão também serve para explicar parte das estratégias das novas direitas brasileiras no contexto de pós-verdade. Como demonstraremos adiante, muitos desses elementos foram evidenciados na narrativa da Brasil Paralelo.

17 VILA, A. L. de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico. *Revista Brasileira de História*, v.41, n. 87, p. 161-184, 2021; p. 163-164.

18 “(1) historical denial, which can include abject rejection of archives and historical evidence; (2) belief in cyclical, or teleological, history which assumes where we are going or where we have been; (3) declination narratives which assume a theory of degeneracy in place of understanding of change; (4) mythologisation that is created when facts are replaced with chimeras; (5) nostalgia for an imagined past that often supposes both a declination and attempts to selectively exclude or underline historical facts and narratives; (6) ahistoricism based purely on untruth; and (7) through often fragmented and biased ways history is remembered and portrayed in popular public memory (films, textbooks, television shows, etc.)”. VALENCIA-GARCÍA, L. D. (ed.). *Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories*. London: Routledge, 2020. p. 9, tradução nossa.

O discurso revisionista da Brasil Paralelo

O episódio “A cruz e a espada” foi disponibilizado no *Youtube* em 20 de setembro de 2017, ele tem aproximadamente 52 minutos e possui 4,3 milhões de visualizações na plataforma supracitada.¹⁹ Foi avaliado como a segunda produção mais assistida da empresa, apenas ficando atrás do filme “documentário” sobre a ditadura civil-militar.

No início do episódio, antes da narrativa “histórica” propriamente dita, alguns entrevistados fazem apontamentos sobre uma suposta “crise de identidade” que atinge os brasileiros atualmente. Esta que, segundo eles, poderia ser revertida com o entendimento de suas origens, visando despertar um sentimento de pertencimento através da narrativa que seria proposta.

Nessa linha, o narrador declara já nos primeiros minutos: “nossa Pátria não pode ser compreendida apartada daquela que a concebeu e gestou”, indicando que o princípio dessa busca pelas origens deveria ser encontrado para “além do Oceano”.²⁰ Neste momento ficou claro que esse primeiro episódio se limitaria a contar uma história de origem a partir de Portugal, o que apresenta indicativos da perspectiva histórica adotada pela empresa.

Em vista disso, ressaltamos que o esforço de contar a origem do Brasil dentro de uma história da “civilização ocidental” e partindo dos seus laços com Portugal, não é exclusividade da Brasil Paralelo. As primeiras produções nesse intuito remontam ao período monárquico, quando foram desenvolvidos trabalhos sobre a história do Brasil através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Estes trabalhos visavam, acima de tudo, o estabelecimento de uma identidade nacional que apresentasse “a nação brasileira enquanto representante da ideia de civilização no Novo Mundo”.²¹ Dessa forma, o discurso produzido pelo IHGB definia a nação a partir de uma noção de continuidade com Portugal, na medida em que lhe atribuíam a tarefa de perseverar sobre o processo civilizatório promovido inicialmente pela antiga metrópole.²² Como representativo desses trabalhos podemos citar o livro “História Geral do Brasil”, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen em 1854.

19 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (51min. e 44seg.). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmrky9j>». Acesso em: 10 jun. 2024.

20 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (1min e 43seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmrky9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

21 GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. n. 1. 1988, p. 5-27; p. 7.

22 GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. n. 1. 1988, p. 5-27; p. 6.

Em relação ao contexto dessas produções, cabe destacar que a história, como “disciplina científica”, surgiu no século XIX para atender as demandas das novas elites políticas dos Estados-nacionais em construção.²³ Nesse período, os historiadores tradicionais procuravam contar uma história demasiadamente política, preocupada em evidenciar os heróis nacionais e os grandes feitos.²⁴ Essa produção histórica, excessivamente narrativa e progressiva, foi pautada nos documentos oficiais.

Dessa forma, não é de surpreender que os discursos produzidos pelo IHGB almejassem atender as demandas das elites brasileiras. E que, por consequência, acabaram reforçando a exclusão dos povos negros e indígenas, uma vez que esses grupos não se enquadravam na definição ocidental de “civilização”.²⁵ Considerando esses elementos, atentamos para essa tendência positivista ao longo da narrativa identificada no episódio.

Além dessas questões, interpretamos que contar a história brasileira a partir do contexto político e econômico que levou a metrópole portuguesa ao estímulo das atividades marítimas, e que resultou no “descobrimento do Brasil”, demonstra também a perspectiva paternalista que se buscou associar com Portugal ao longo da série e principalmente nesse episódio. Essa escolha narrativa buscou eximir a metrópole do processo complexo e violento que foi a conquista e colonização, onde povos indígenas e africanos foram escravizados, comercializados e mortos.

Após a apresentação inicial dos palestrantes, que dura longos sete minutos, é desenvolvida uma narrativa que remete ao passado pré-histórico, a fixação dos primeiros grupos humanos em territórios, o plantio, a domesticação dos animais e o surgimento da escrita. Em relação aos primórdios do passado humano o narrador aponta:

Isso tudo nos levou de caçadores a filósofos, de fugitivos a arquitetos. Criamos a ética para aperfeiçoar a convivência, as leis e o júri para aperfeiçoar a justiça. E constituir família passou a fazer parte da nossa tradição de levar a humanidade adiante. Quando vivemos o nosso dia a dia aqui, no século XXI, desfrutamos desse legado. A filosofia grega, o direito romano, a moral judaico-cristã e a experiência acumulada de nossos ancestrais fazem parte de nós. Essa é a herança que chamamos de civilização ocidental.²⁶

23 NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B (org.). *Novos Combates pela História: Desafios - Ensino*. Editora Contexto, 2021. p. 88.

24 NAPOLITANO, M. Negacionismo e revisionismo histórico do século XXI. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B (org.). *Novos Combates pela História: Desafios - Ensino*. Editora Contexto, 2021. p. 88.

25 GUIMARÃES, M. L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. n. 1. 1988, p. 5-27; p. 7.

26 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (8min e 50seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmr9k9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

Essa passagem demonstra o sentido progressivo do discurso, o que nos deu indícios de uma narrativa cíclica da história, que busca referências no passado para legitimar perspectivas do presente. Através desse trecho a empresa se aproximou do segundo elemento apontado por Valencia-Garcia.²⁷

Também foi possível identificar a tendência, recorrente na série, em relação à dita “civilização ocidental” que, assim como seus valores, são resgatados ao longo do episódio no intento de evidenciar uma origem europeia para a sociedade brasileira. Esse comentário é bastante problemático na medida em que ignora a variedade cultural presente em nosso país, composto pela contribuição dos povos indígenas e africanos na sua constituição. Isso é ainda mais problemático porque esses grupos foram historicamente marginalizados e apenas recentemente conquistaram espaço e direitos através de políticas de inclusão.²⁸ Assim, entendemos que essa omissão é proposital e tem por objetivo associar a origem brasileira, exclusivamente, a partir da sua ligação com a Europa, excluindo os demais povos da narrativa central. O grande problema é que narrativas como esta: que idealizam a “cultura ocidental” e induzem o protagonismo para a Europa, acabam por reafirmar e legitimar desigualdades na medida em que colocam os demais grupos em posição secundária, isto é, em uma condição de subalternos.²⁹

Nesse sentido, devemos ponderar que o processo de construção de identidades advém de disputas e tensões entre os variados grupos que compõem uma sociedade. No caso específico das identidades no contexto da pós-modernidade, julgamos necessário algumas considerações de Stuart Hall em relação aos efeitos da globalização sobre as identidades nacionais:

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais, mais diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, *tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas*. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou

27 “(2) crença na história cíclica, ou teleológica, que pressupõe para onde estamos indo ou de onde viemos.” VALENCIA-GARCÍA, L. D. (ed.). *Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories*. London: Routledge, 2020. p. 9, tradução nossa.

28 ARAÚJO, J. S. L. Os ditos cruzados do século XXI: o Brasil e a idealização conservadora acerca da primeira cruzada. BUENO, A; BIRRO, R; BOY, R. (org.). *Ensino de História Medieval e História Pública*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, v. 1, p. 111-117.

29 LIMA, A. N. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. *Temáticas*, 27, (54): p. 15-38. ago/dez. 2019; p. 20.

“puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Hommi Bhabha) chama de “Tradução”.³⁰

Esse efeito pluralizante, mencionado pelo autor, demonstra as diferentes possibilidades de identificação que concorrem e coexistem na pós-modernidade. Segundo Hall, o contexto de transformações nas sociedades modernas gerou uma fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.”³¹ Essas transformações geram efeitos nas nossas identidades pessoais, abalando a forma como entendemos a nós mesmos enquanto sujeitos integrados; conseqüentemente, esse abalo das antigas estruturas sólidas de identificação contribuiu para aquilo que o autor abordou como “crise de identidade.”³²

Nessa linha, é importante enfatizar que a divergência entre as variadas formas de identificação pode gerar tensões e disputas no campo político e social. Considerando as disputas em torno da identidade nacional, devemos atentar para os problemas associados à recuperação de uma suposta “pureza anterior”. Discursos nessa perspectiva tendem a resistir ante a diversidade e a mudança, pois estas supostamente ameaçam aquilo que se acredita ser o originário e legítimo. Entretanto, a identidade não é algo fixo, ela está em constante reelaboração.³³

Dessa forma, o resgate de identidade proposto pelo episódio deve ser compreendido dentro deste cenário de abalos e tensões. A perspectiva homogênea e excludente da Brasil Paralelo almeja, sobretudo, a recuperação de um passado idealizado que serve para legitimar interesses e demandas políticas.

Em sequência, o episódio remeteu ao século VIII quando iniciou a expansão islâmica pela Europa. Sobre esse assunto, o foco da narrativa se deteve em caracterizar a expansão como uma invasão violenta que teve como resposta a resistência dos povos europeus, entre os quais se sobressaem aqueles que representam os atuais países de Portugal, Espanha e França. Estes povos são descritos no seriado como os defensores das terras, dos valores e da doutrina cristã. Em relação a essa temática também identificamos uma propensão em apresentar os “heróis” ocidentais a partir da sua oposição com o outro, o inimigo, que no contexto em questão foi representado pelos povos mulçumanos. Sobre esse aspecto consideramos válido o apontamento de Edward Said:

30 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 87, grifo nosso.

31 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 9.

32 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 9.

33 HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

O orientalismo nunca está longe daquilo que Denys Hay chamou de ideia da Europa, uma noção coletiva que identifica o “nós” europeus em contraste com todos “aqueles” não-europeus, e de fato pode ser argumentado que o principal componente na cultura europeia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus.³⁴

A discussão proposta pelo pesquisador palestino-estadunidense apresenta reflexões instigantes para pensarmos as representações dos europeus e os “outros” povos não europeus que são abordados na narrativa. A relação estabelecida é problemática porque estabelece e constrói a imagem do europeu justamente na sua oposição com o outro. O europeu surge na narrativa como o herói, homem, branco e cristão. Já o muçumano é apresentado como o inimigo, aquele com “valores totalmente diferentes”. Essa visão maniqueísta de heróis e vilões é simplista e não dá conta de explicar a complexidade dos processos. Ela serve apenas para reforçar preconceitos e desigualdades.

Em relação aos comentários dos palestrantes, convém mencionar o momento em que é falado sobre um “processo de desarmamento” que teria possibilitado a rápida expansão dos árabes na Península Ibérica. Conforme a narrativa, a derrota para os muçumanos teria sido “facilitada” porque os povos visigóticos não permitiam que a população de origem romana usasse armas ou fizesse parte do Exército.³⁵ Identificamos nesse trecho um bom exemplo de instrumentalização do passado a partir de uma demanda ideológica do presente. Considerando o cenário político do Brasil na atualidade, sabemos que as discussões em torno do desarmamento são uma pauta constante e que polariza opiniões no debate público. Dessa forma, destacamos aquilo que o pesquisador Fernando Nicolazzi abordou sobre a questão:

O referido palestrante é Rafael Vitola Brodbeck, delegado de polícia e autor de livros como “Jesus Cristo: rei do universo e Família católica, Igreja doméstica”, este escrito em parceria com sua esposa, Aline Brodbeck. Além disso, é um crítico feroz das campanhas de desarmamento da população e defensor do direito às armas como forma de “exercer a juridicamente assegurada legítima defesa”. Ora, como é sabido, o governo Bolsonaro se notabilizou por intensas campanhas pró-armamento, facilitando por meio de decretos o acesso a armas de fogo, inclusive fuzis e armas de grosso calibre. A fala de Brodbeck, nesse sentido, refere-se mais ao seu próprio presente do que ao passado medieval discutido no episódio. Trata-se, portanto, de um evidente uso ideológico do passado para fins políticos no presente.³⁶

34 SAID, E. W. *Orientalismo*. O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 19.

35 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (12min e 50seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWBmryk9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

Assim, ao apresentar uma determinada perspectiva da história, sem demonstrar a complexidade do contexto, a produtora transmitiu afinidade com a agenda política da extrema-direita.

Outro elemento de uso do passado foi identificado no esforço de apresentar exemplos da antiguidade clássica através do passado grego, no intuito de representar um modelo de referência. Quando o narrador discorre sobre a Batalha de Poitiers é elucidado como o rei franco Carlos Martel, mesmo com pouca perspectiva de vitória “estudou as formações dos antigos gregos para resistir pela disciplina e aceitação de morrer pela causa”.³⁷ Definida a vitória, o narrador comenta que a atuação de Carlos Martel “fez lembrar os antigos espartanos na sua resistência e coragem”.³⁸ Dessa forma, a passagem evidencia as qualidades de Carlos Martel a partir da sua semelhança com o modelo grego. Modelo este que serviu de inspiração para a vitória e que se pretende afirmar enquanto uma das bases dos valores ocidentais evidenciados pelo discurso.

Além disso, percebemos um esforço na construção de uma imagem idealizada dos templários como nobres cavaleiros e defensores fiéis dos valores cristãos. Diferente do que acontece quando realizamos uma crítica das fontes a fim de construir algum conhecimento sobre o passado, as intenções e interesses desses indivíduos não foram problematizados nem a partir do contexto nem a partir das relações estabelecidas entre eles e os demais grupos envolvidos no processo. As próprias Cruzadas³⁹ foram definidas exclusivamente através de motivações religiosas, levantando como principal questão a retomada de Jerusalém “das mãos dos seguidores de Maomé”.⁴⁰ A partir disso, identificamos tanto o elemento de nostalgia de um passado glorioso, quanto um esforço em resgatar os templários como modelos ideais dos cavaleiros medievais e da herança ocidental. Nessa passagem identificamos uma aproximação aos elementos cinco e sete apontados por Valencia-Garcia.⁴¹

36 NICOLAZZI, F. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. *Passés futurs*, v. 13, p. 1-37, 2023. p. II.

37 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (14min e 05seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

38 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (14min e 30seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

39 Sobre esse assunto, cabe destacar o estudo de Jean Flori para entendimento das Cruzadas e suas múltiplas facetas, que não se reduzem unicamente as motivações religiosas. FLORI, Jean. *Guerra Santa*. Formação da ideia de cruzada no Ocidente. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

40 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (18min e 45seg). Disponível em: «<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>». Acesso em: 20 nov. 2023.

41 “(5) nostalgia, por um passado idealizado que muitas vezes sugere tanto uma declinação quanto uma seleção de fatos e narrativas históricas; e (7) através de formas muitas vezes fragmentadas e tendenciosas, a história é

Outro personagem que recebe destaque na narrativa é Afonso Henriques, retratado como o pai fundador de Portugal. A batalha que ele dirige contra os povos árabes, assim como a travada por Carlos Martel, é descrita com poucas chances de vitória devido à desproporcionalidade entre um Exército e o outro. Associado a isso é relatada uma suposta visão que Afonso Henriques teria tido, onde Cristo aparece profetizando a vitória na Batalha de Ouriques e lhe entregando “a missão de espalhar a fé pelos quatro cantos do mundo”.⁴² Decidida a vitória de Afonso Henriques, a narrativa destaca que ele foi aclamado o primeiro rei de Portugal e passou a ser considerado o pai fundador. Nesse ponto, percebemos o esforço em atribuir ao recém-formado reino a tarefa missionária de espalhar a fé, que mais ao final do episódio vai reforçar o argumento de legitimidade do expansionismo português.

A partir disso, e do que foi anteriormente discutido, é possível inferir que a escolha desses elementos, do passado grego e medieval, e a maneira como eles foram abordados no episódio teve como objetivo principal resgatar e exaltar um suposto “passado glorioso” para a civilização ocidental. Esse discurso é demasiadamente perigoso porque invisibiliza grupos culturais distintos, omite toda a violência e exploração envolvidas nos processos e reduz os diferentes sujeitos à visão maniqueísta de heróis e vilões.

Além disso, outro ponto relevante sobre o tipo de narrativa construída diz respeito ao desfecho da Reconquista e a maneira como um dos palestrantes o relacionou com as empreitadas marítimas dos séculos seguintes. Após a retomada de Granada, descrita de forma excessivamente gloriosa, é relatado como o processo de Reconquista motivou os cristãos na luta por posse de território na medida em que: “[...] eles foram formados geração a geração na conquista de território, no desbravamento de território. Até que não tem mais território para conquistar. Só lhes resta o mar”.⁴³ Nessa passagem identificamos uma nova tentativa de naturalizar o expansionismo português através dos séculos desprendidos na Reconquista que, associado à justificativa de espalhar a fé cristã renunciada na visão de Afonso Henriques, contribui para induzir a conclusão de que a expansão ultramarina e consequente colonização portuguesa teriam sido processos naturais e legítimos.

lembrada e retratada de acordo com a memória pública popular (filmes, livros didáticos, séries de TV, etc.)”. VALENCIA-GARCÍA, L. D. (ed.). *Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories*. London: Routledge, 2020. p. 9, tradução nossa.

42 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (23min e 10seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmr9k9j>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

43 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (38min e 55seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmr9k9j>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Outra questão importante para fundamentar esse discurso pode ser encontrada na seguinte passagem, onde foi destacado o elemento da providência divina:

Não existe causalidade quando você acredita na providência. Então há um debate menor no sentido português de seu tempo. Porque um português fiel à tradição católica... ele não está se preocupando se ele chegou por querer ou sem querer. Ele acredita que ele está ali por um motivo e esse motivo é missionário.⁴⁴

O trecho citado se refere ao debate em torno da causa que levou os portugueses a desviarem da rota e chegarem ao território do atual Brasil. A questão gira em torno de esse desvio ter sido acidental ou premeditado, devido a algum conhecimento prévio daquelas terras. Contudo, através da colocação anterior percebemos uma tentativa de manifestar menor importância nessa questão e, em contrapartida, elucidar a motivação missionária que teria instigado aqueles homens aos empreendimentos nos mares.

Também é pontuado ao final do episódio que as navegações portuguesas não eram movidas pela mera busca de mercadorias, mas principalmente e, sobretudo, pela procura de um “paraíso”, de uma “terra prometida”. Através disto, percebemos o esforço da produtora em apresentar uma narrativa onde os interesses econômicos e políticos não eram tão importantes, chegando ao ponto de nem sequer serem problematizados.

Conforme procuramos demonstrar, o discurso da Brasil Paralelo consistiu em narrar o passado a partir de uma seleção de eventos e personagens convenientes ao modelo eurocêntrico de civilização, não demonstrando nenhum interesse com a reflexão e o entendimento dos processos históricos. Essa constatação vai ao encontro daquilo que Valencia-Garcia pontuou na sua discussão: “As histórias alternativas são construídas para fins ideológicos através da negação da história, da ênfase excessiva de certos fatos históricos ou em uma compreensão incompleta do contexto histórico”.⁴⁵

Como já mencionado, o discurso analisado alinhou-se a uma perspectiva histórica – a dita história positivista – já em desuso na academia e constantemente evitada no ensino. Sabemos que ainda existem resquícios dessa perspectiva na sociedade, entretanto, é um modelo de ensino combatido nos currículos atuais justamente por

44 BRASIL PARALELO. Capítulo 1 - A cruz e a Espada | Brasil - A última Cruzada. Youtube. 20 abr. 2017. (45min e 30seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yviE7LiXySpilepZSpHnrWGWbmr9kj>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

45 “Alt-histories are constructed for ideological purposes through the denial of history, the overemphasis of certain historical facts or an incomplete understanding of historical context”. VALENCIA-GARCÍA, L. D. (ed.). *Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories*. London: Routledge, 2020. p. 13-14, tradução nossa.

reproduzir visões contestáveis na medida em que perpetuam preconceitos e desigualdades.

A história, enquanto área do saber, visa a construção do conhecimento nas suas múltiplas diversidades e complexidades. Não se trata de confirmar um ponto de vista. Trata-se de entender os processos do passado a partir dos diferentes sujeitos envolvidos. As relações, interesses e formas de atuação desses sujeitos devem ser questionadas, problematizadas e entendidas dentro do seu contexto, que é uma temporalidade distinta e, muitas vezes, distante da nossa. Ao historiador cabe o trabalho de reconstrução desse passado a partir da análise e crítica das fontes remanescentes. As fontes não falam por si só. É preciso que o historiador, aquele que conhece e domina o método, questione suas fontes e dialogue com o conhecimento já existente.

Pensando o intuito do conteúdo em seu caráter educativo, também devemos alertar para ausência de reflexão para o aprendizado. Conforme Rüsen:

[...] a história não ensina mais nenhuma regra geral e sua aplicação a situações concretas. A historiografia não é mais vitae magistra. A experiência histórica não é mais utilizada como meio de incremento da competência de reger o comportamento adequado; à constituição exemplar de sentido sucede a genética. O que interessa, ao se transformar a experiência histórica, pelo aprendizado, em capacidade interpretativa de orientar a própria prática, não é mais a qualidade temporal de regras de comportamento nem a capacidade de ajuizar como aplicar essas regras abstratas e genéricas a situações concretas da vida humana. Ao invés disso, a própria mudança temporal ganha grande relevância na orientação histórica e na formação da identidade histórica: a capacidade de mudar torna-se condição necessária para a autoafirmação e duração da subjetividade humana.⁴⁶

Partindo dessa linha de pensamento, consideramos que a aprendizagem histórica tem papel fundamental para a construção da identidade, entretanto, acreditamos que seus objetivos devam contribuir para a construção de saberes coletivos e inclusivos. Ressaltamos ainda, conforme a Base Nacional Comum Curricular, que o compromisso educativo em história “tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, *a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.*”⁴⁷

46 RÜSEN, J. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A Editores, 2012. p. 18, grifos nossos.

47 BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: «<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>» Acesso em 21 de maio 2024; p. 561, grifo nosso.

Na próxima seção vamos discorrer sobre o potencial da História Pública para o combate de discursos revisionistas.

História Pública e algumas possibilidades de enfrentamento ao revisionismo

A História Pública surgiu na Califórnia durante a década de 1970 como uma proposta ante a crise de empregos que atingia os recém-formados na área de História.⁴⁸ Desde então, os debates cresceram e ganharam particularidades conforme as demandas sociais de onde se aplicam e produzem ações de História Pública.

No Brasil, a discussão sobre o tema teve início em 2011, quando foi realizado um Curso de Introdução à História Pública através da Universidade de São Paulo, onde se procurou discutir a incorporação do historiador no mercado de trabalho e a inserção da história na cultura das mídias.⁴⁹ Essa vertente da história pública feita para o público gerou uma ampliação das audiências e serviu para mobilizar os debates em torno da questão. Ainda em 2011 foi publicado o livro “Introdução à História Pública”⁵⁰ organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Rovai, sua produção foi resultado das discussões geradas pelo curso e até hoje é considerado o pioneiro do assunto no Brasil.

Atualmente os debates sobre o tema tem se preocupado principalmente em discutir o papel social do historiador e o impacto das mídias. Nesse sentido, é constante a necessidade de pensar a História Pública a partir das mudanças geradas pela era digital, refletindo como as mídias digitais podem auxiliar nesse processo e contribuir para a disseminação do conhecimento produzido. Quanto a isso cabe ressaltar as especificidades desse tipo de produção, pois não se trata meramente de divulgar o conhecimento histórico para um grande público, mas sim de inserir o público nessas ações e produzir um conteúdo que seja acessível para além dos círculos acadêmicos. Um apontamento necessário sobre a questão foi colocado pela historiadora Marta Rovai:

Aos poucos, a história pública vai ganhando definições e práticas, de acordo com os contextos, interesses, culturas, movimentos e tensões que remetem, cada vez mais, a exercícios mais inovadores de produção e de difusão histórica. Mais do que isso, de compartilhamento e de enfrentamento a tentativas de revisionismos, censura e negacionismos de toda forma, como o que vem acontecendo

48 SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T. (org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra & Voz, 2018, p. 169-174.

49 SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T. (org.). *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra & Voz, 2018, p. 169-174.

50 ALMEIDA, J, R; ROVAL, M. G. O (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

no Brasil. A história pública, que ganha força e se amplia com a Rede Brasileira tem se configurado num dos caminhos que revelam o compromisso para se responder a debates, lutas e ameaças que se fazem vivas e urgentes no tempo presente.⁵¹

Assim, parte da reflexão que propomos com este artigo procura apontar algumas possibilidades que a História Pública gera para o enfrentamento do revisionismo histórico. Entre essas possibilidades, consideramos de extrema importância a aplicação de projetos de extensão e ações através das universidades públicas. Consideramos essas práticas significativas, porque elas permitem que o conhecimento produzido e discutido nas instituições acadêmicas chegue a um público maior e promova um retorno cultural/social para as comunidades no seu entorno.

Além disso, essas propostas representam uma alternativa atrativa e dinâmica para estimular o interesse do público pelos temas de história. Geralmente são projetadas de acordo com a realidade, os interesses e os problemas sociais enfrentados pela comunidade onde se pretende desenvolver a ação. Isto é relevante, porque a produção de conhecimento partindo de demandas sociais demonstra maior potencial de aceitação, na medida em que estabelece um diálogo mais aberto com a sociedade. Construir e aplicar projetos com o público exige uso de uma linguagem adequada, que não reduz a complexidade dos processos e que ao mesmo tempo possibilita um entendimento acessível para pessoas com variados graus de instrução.

É importante destacar que esses projetos apresentam finalidades e abordagens diversas, que vão desde a divulgação do conhecimento produzido na academia até aplicação de ações em conjunto com o público. A fim de elucidar como essas propostas funcionam vamos abordar brevemente o caso do *podcast* “Mais história por favor!”⁵² desenvolvido pelo Laboratório de História Pública da Universidade Federal de Santa Maria no período de 2019-2020 sob orientação do professor João Manuel Casquinha Malaia Santos.⁵³

O projeto de extensão consistia na produção de *podcasts* sobre diferentes temáticas que eram discutidas por pesquisadores especializados em cada assunto. Nos meses de março e abril de 2020, o projeto teve duas produções sobre a pandemia da gripe espanhola. Beatriz Teixeira Weber – pesquisadora na área de História da saúde e

51 ROVAL, M. G. de O. “História Pública: um desafio democrático aos historiadores”. REIS, T. S.; SOUZA, C. M. de; OLIVEIRA, M. P.; LYRA JÚNIOR, A. A. de (org.). *Coleção História do Tempo Presente - Volume II*. Boa Vista: Editora UFRR, 2020. p. 137.

52 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. *Podcast Mais História, por favor!* Santa Maria. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6LCO9fDgoA3SjyESAQOnWK?si=ss_jBrA4ThKVGaYy7Cft7A>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

53 O Laboratório de História Pública é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História, ao ProffHistória e ao Departamento do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

práticas de cura – e Adrián Carbonetti – pesquisador com importantes estudos publicados sobre a gripe espanhola na Argentina – foram os convidados para o debate.

A temática escolhida demonstra a evidente preocupação e responsabilidade social em meio a pandemia de Covid-19. O período pandêmico foi intensamente caracterizado pela divulgação de *fake news* e propagação de negacionismos, inclusive por representantes estatais.⁵⁴ Uma questão bastante problemática, porque muitas pessoas não se vacinaram por medo, informações falsas e distorcidas. O desenvolvimento desses dois *podcasts* foi importante não só para divulgar conhecimento em história, mas principalmente para representar formas de resistência.

Sabemos que o alcance dessas produções não é tão grande quando equiparado aos canais de “entretenimento” tal como é o caso da Brasil Paralelo. Entretanto, devemos destacar que o objetivo principal dessas propostas não é meramente entreter, mas antes de tudo refletir, discutir e construir algum tipo de conhecimento de caráter educativo e cultural. Temos ciência da importância de atingir grandes públicos, principalmente no contexto em que o passado se tornou uma ferramenta para legitimar agendas políticas, contudo, sabemos que o caminho para esse enfrentamento é mais complexo e não pode reduzir nossas ações à produção de conteúdos simplistas. Normalizar a cultura e torná-la mais presente no cotidiano das pessoas é um passo importante para esse enfrentamento.

Considerações finais

Através dessa discussão nos esforçamos em evidenciar a problemática do revisionismo histórico desenvolvido no contexto da era digital, atentando para a fácil e rápida disseminação desses discursos por meio das plataformas digitais.

Dados os retrocessos gerados pela disseminação desse tipo de conteúdo, consideramos fundamental o papel dos projetos e ações de História Pública na promoção e incentivo à cultura, uma cultura diversa que deve ser pensada a partir dos diferentes sujeitos envolvidos na sua construção. Além disso, essas iniciativas são extremamente válidas para a divulgação e democratização do conhecimento científico produzido nas universidades públicas.

Também devemos considerar que a maior parte dos currículos nos cursos de História em nosso país ainda necessita de reformulações a fim de contemplar as novas

54 A respeito dos negacionismos durante a pandemia sugerimos o seguinte artigo: GRUNER, C; CLETO, M. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. OLIVEIRA, R. C. de; CHRISTINO, D.; MACHADO JUNIOR, E. V. (Org.). *Covid-19 e a comunicação*. 1ª ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, v. 1. p. 357-382.

demandas do mercado de trabalho e do contexto político e social brasileiro. Ou seja, o processo é lento e ainda temos muito a aprender sobre a linguagem, os suportes e o uso de ferramentas digitais para a nossa área. Contudo, para que mudanças reais aconteçam é preciso que haja incentivo e a demonstração de uma necessidade.

Com isso em vista, concluímos que o desenvolvimento de ações e projetos em História Pública tem importância fundamental nesse cenário, principalmente quando pensamos em possibilidades para o enfrentamento dos discursos revisionistas.